



---

## ARQUITETURA DO SILÊNCIO: O ESPAÇO LITÚRGICO À LUZ DO RECOLHIMENTO

*Architecture of silence: the liturgical space in the light of recollection*

Janete Barros dos Santos Gomes<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo discorre sobre a influência da arquitetura sacra no local de reunião dos cristãos chamado “espaço litúrgico”, favorecendo o grande encontro entre Deus e o seu povo, tendo, como um dos condutores, o “silêncio sagrado”. Tais questões, ancoradas nos documentos da Igreja, apontam para a necessidade deste silêncio, contribuindo para a celebração do mistério celebrado e o redescobrimiento da oração. Através de uma pesquisa bibliográfica fundamentada nas reflexões e interpretações, percebe-se que, nos últimos tempos, a agitação diária e o constante acúmulo de informações, têm levado a sociedade a uma inquietude interna pelas diversas possibilidades de informações ofertadas na contemporaneidade. Como resultado, a pesquisa mostra que a Igreja, condutora do Pai aos seus filhos através do silêncio sagrado, conduz a alma do fiel ao Senhor que ali habita e suavemente, como a brisa leve, faz morada em seu coração.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquitetura Sacra; Espaço Litúrgico; Silêncio Sagrado; Mistério Celebrado; Contemporaneidade.

**ABSTRACT:** This paper discusses the influence of sacred architecture in the place of meeting of Christians called “liturgical space”, favoring the great encounter between God and his people, having, as one of the drivers, the “sacred silence”. Such questions, anchored in the documents of the Church, point to the need for this silence, contributing to the celebration of the mystery celebrated and the rediscovery of prayer. Through a bibliographical research based on reflections and interpretations, it is perceived that, in recent times, the daily agitation and the constant accumulation of information, have led society to an internal restlessness by the various possibilities of information offered in contemporary times. As a result, the research shows that the Church, conductor of the Father to his children through sacred silence, leads the soul of the faithful to the Lord who dwells there and gently, like the light breeze, makes his home in his heart.

**KEYWORDS:** Sacred Architecture; Liturgical Space; Sacred Silence; Celebrated Mystery; Contemporaneity.

---

<sup>1</sup> Especialista em arquitetura e arte sacra do espaço litúrgico pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). E-mail: janete.arq@hotmail.com

## 1. A arquitetura do espaço litúrgico

Mediante o silêncio, a Palavra pode encontrar morada em seu povo. É por isso que o espaço litúrgico, lugar da presença divina, deve ser preparado, favorecendo esse encontro, onde se celebra e contempla o grande banquete que Deus preparou para todos os seus filhos. No entanto, antes de mergulharmos nas profundidades do silêncio – que será explorado em detalhes no segundo capítulo deste artigo – é crucial tratarmos primeiramente da igreja como espaço sagrado, da arquitetura a serviço da Igreja e da arquitetura sacra após o Concílio Vaticano II.

### 1.1. A igreja – espaço sagrado

A palavra igreja, que deriva do grego *ekklesia*, significa assembleia. Formada pela comunhão da comunidade cristã concreta, a Igreja torna-se sagrada pelas manifestações de fé ofertadas nas celebrações do sagrado mistério, participando do sacrifício do Senhor e alimentando-se do banquete celeste.

Após o Iluminismo e a Revolução Francesa, a Igreja sente a necessidade de retomar a tradição, desencadeando uma arquitetura dos “neos” (gótico, clássico, românico), mas que não impede uma crise religiosa no século XIX, época da idade contemporânea. Toda essa situação gerou uma confusão, ocasionando inclusive a destruição de igrejas com valor arquitetônico, dando lugar a uma edificação “moderna” sem o sinal expressivo da sacralidade, muitas vezes com uma construção tendenciosa à monumentalidade sem cunho religioso. Outra situação são as repetições mecânicas do passado, excessos de cartazes, toalhas e objetos devocionais, que distraem e interferem significativamente na sensibilidade que o espaço necessita para celebrar a memória do Cristo Ressuscitado.

Conforme Arias, o decreto de promulgação da Sagrada Congregação para o Culto Divino do *Ordo dedicationis ecclesiae et altaris* (ODEA) apresenta uma definição do templo como espaço litúrgico:

O lugar em que a comunidade cristã se reúne para escutar a Palavra de Deus, dirigir a Deus orações de intercessão e louvor e, principalmente, para celebrar os sagrados mistérios (lugar) no qual se conserva o santíssimo Sacramento da Eucaristia, é uma imagem singular da Igreja, templo de Deus edificado com pedras vivas<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> *Ordo dedicationis ecclesiae et altaris*, 29 maio 1977, apud ARIAS, Fernando López. *Projetar o espaço sagrado: o que é e como se constrói uma igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 95.

Apesar dos locais de celebração sofrerem modificações com características próprias desde o Antigo Testamento, com fatores condicionantes para a construção dos espaços litúrgicos como cultura, geografia, condição climática, entre outros, não se pode esquecer que o fundamento é o mistério celebrado. É na igreja, local que faz a ligação entre o céu e a terra, o sinal visível da aliança de Deus com seu povo, que se pode encontrá-lo manifestado no verdadeiro templo de pedras vivas, os cristãos, que pelo batismo, assim se tornaram, tendo o próprio Cristo como pedra angular, pois: “Do mesmo modo, também vós, como pedras vivas, constituí-vos em um edifício espiritual, dedikai-vos a um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo”<sup>3</sup>.

## 1.2. A arquitetura a serviço da Igreja

A história da arquitetura sacra atravessa o tempo, criando estilos que refletem sua força, deixados na tradição viva, ofertando até hoje exemplos a serem seguidos na elaboração de projetos dos espaços litúrgicos.

Olhar para o passado e aprender a criar essas condições arquitetônicas específicas, recriando espaços de reflexão e admiração com uma compreensão especial, é uma das tarefas do profissional de arquitetura e arte sacra, respeitando a época, numa realidade de crise de valores, apego ao passado e necessidade de uma dimensão espiritual da humanidade. É ir além do que a própria razão tem condições de alcançar, é inebriar-se no mistério sem questionamentos, seguir a Palavra e traduzi-la em forma de arte. O edifício, cuja função é encontrar o invisível no visível, deve continuar sua história propiciando uma compreensão espiritual, dom de Deus, onde a realidade imediata se transforma em uma realidade sobrenatural.

Hoje, no tocante às igrejas, o que se vê é uma arquitetura que não mais representa o centro da vida nas pessoas. Até as torres, que sempre serviram de orientação nas cidades, e os campanários, que indicavam a hora com seus sinos encantadores, foram silenciados e ignorados pelo estilo de vida adotado na contemporaneidade, uma época vazia, na qual os valores foram substituídos e o subjetivismo e o individualismo passaram a dominar o íntimo das pessoas.

---

<sup>3</sup> 1Pd 2,5.

A arquitetura sacra pode e deve estar a serviço do povo, sendo um canal de comunicação entre Deus e o homem, pois o próprio Cristo expressa-se em diversos textos bíblicos sobre o templo como a casa de Deus, casa de oração e casa do Pai. Ao arquiteto, cabe a missão de traduzir todo o Mistério em um espaço construído, sabendo que a vida em Cristo é um novo caminhar.

Ao iniciar o planejamento de uma construção do espaço sagrado, é necessário se reapropriar da vida verdadeira, estabelecer uma ascese de si próprio e ir em busca da Sabedoria Divina, numa experiência de comunhão com a história, com os irmãos, todos os santos e com a Igreja. Esse caminhar deve ser trabalhado em conjunto com o padre e a comunidade, numa ação de fortalecimento da comunidade eclesial, procurando envolvê-los, pois não se trata de uma construção de quatro paredes, mas algo mais profundo, já que o templo é a imagem do céu, onde o ser humano renasce na oração, na fé e espiritualidade. Essa dimensão fundamentada na Sabedoria Divina é a ferramenta essencial que alicerça uma arquitetura, além do conhecimento puramente técnico, excede os limites de argumentação e alcança uma visão transcendente, sendo necessário para isso, fazer esta experiência com o Mistério, pois ninguém consegue expressar com profundidade aquilo que não conhece. Despojar-se de si e revestir-se do Espírito Santo, sabendo que a pequenez humana em nada se compara ao grande arquiteto do universo, o próprio Deus!

A igreja como edifício, estrutura física com dimensões de altura, largura e profundidade, serve de abrigo para reuniões, espaço de encontros e atividades humanas sob um ponto de vista puramente técnico. Mas, como definir o edifício igreja sob o ponto de vista mistagógico e como essa relação com o ser humano pode influenciar no sentido evangelizador?

Marcada por experiências boas e ruins, a vida do ser humano carece mais do que de racionalidade no entendimento e evolução interior, através das situações que fazem parte do cotidiano e que interferem de alguma maneira no seu crescimento pessoal. As pessoas se comportam (ou deveriam se comportar) no espaço litúrgico diferente de como se comportam em um mercado ou *shopping center*, por exemplo. Por não se tratar de uma edificação fria, ela é relacional, envolve o mistério, e esse mistério é o próprio Cristo, vivo, real e invisível.

A assembleia se reúne para celebrar a grande Páscoa, e o espaço, com características próprias, deve apresentar uma linguagem simbólica com significado cristão eclesial, expressado pela arte e arquitetura sacra específicas, imbuindo no fiel o crescente desejo

da experiência com o Sagrado, despertando seu grande encontro e fortalecendo a sua fé. Analisando sob o ponto de vista evangelizador, o espaço litúrgico deve convidar o fiel a fazer parte da grande família do povo de Deus, emitindo sensações distintas das edificações profanas, sentindo-se atraído a celebrar a memória do Cristo Ressuscitado junto à Pessoa que deu a vida por amor, proporcionando um novo sentido, um rumo que o conduza a alcançar a comunhão com Deus e assim poder participar e partilhar as grandes maravilhas do Senhor!

### 1.3. A arquitetura sacra após o Concílio Vaticano II

Com a chegada da modernidade e período da Revolução Industrial, cresce a demanda por novas construções, desencadeando uma crise na sociedade que na época, se apresentava com uma profunda decadência moral, gerando uma crise de valores. Na Igreja, os homens já não ansiavam pelos valores celestes e a participação dos fiéis na liturgia praticamente reduziu-se a uma presença passiva, fato que impulsionou a Igreja para uma busca, quer dizer, pelo resgate dos valores cristãos. Estes, reconduzidos às suas raízes mais genuínas, no que diz respeito à Eucaristia, encaminham o homem à salvação por meio da convocação para um novo Concílio Ecumênico.

O papa João XXIII mesmo com um pontificado breve, porém intenso, abriu a Igreja ao diálogo com a mentalidade do mundo moderno, convidando os arquitetos a introduzirem nas igrejas a sensibilidade, a serenidade e o calor de suas casas<sup>4</sup>.

A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* estabeleceu as reformas da Sagrada Liturgia e do Culto Eucarístico, implicando diretamente na arquitetura com diretrizes para a concepção do novo espaço sagrado e litúrgico. As transformações arquitetônicas no espaço religioso, decorrentes do Movimento Litúrgico, foram consolidados com o Concílio Vaticano II.

Regina Céli de Albuquerque Machado, em seu livro *O local de celebração: arquitetura e liturgia*, relata que a *Sacrosanctum Concilium* é a referência fundamental para uma arquitetura que revele uma celebração comunitária, coerente com as novas orientações litúrgicas, dando início a uma grande revolução no seio da Igreja. Surge, a partir daí, uma Igreja com maior participação dos leigos na ação eclesial, mais plural e inculturada. Igreja “corpo místico” de Cristo, lida na língua vernácula, mas não livre de

---

<sup>4</sup> Cf. MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. *O local de celebração: arquitetura e liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 25.

problemas, fato que até hoje ainda precisa ser compreendido, inclusive na comunidade eclesial<sup>5</sup>.

Na arquitetura, novas possibilidades no uso de materiais construtivos impulsionaram obras com uma linguagem modernista religiosa, gerando uma busca por renovação em estilo barroco ou gótico, que mesmo tardio, acabou decodificando uma linguagem moderna para as edificações cristãs, com uma nova forma de expressão.

As construções destinadas ao culto propõem uma redução dos altares laterais, das estatuárias, elementos arquitetônicos mais devocionais, com ênfase na centralidade e importância do altar, pois Cristo é o centro! Assim, a arquitetura religiosa passa a atender dois objetivos tanto na construção quanto na reforma, deve ser funcional na celebração litúrgica e facilitar a participação ativa dos fiéis.

Outros documentos pós-conciliares norteiam para a dignidade do local de celebração: a *Instrução Inter Oecumenici para a reta aplicação da Constituição sobre a Sagrada Liturgia do Concílio Vaticano II* e a *Instrução Geral do Missal Romano (IGMR)*.

## **2. O silêncio sagrado sob a ótica da Instrução Geral do Missal Romano**

No tocante ao silêncio sagrado, elemento indispensável para assimilar o mistério celebrado, para a reflexão da Palavra, e para a interiorização com momentos de oração e recolhimento para o grande encontro, IGMR nos apresenta diversas ocasiões em que ele se faz presente. Por exemplo, no rito do ato penitencial, após o convite feito, é importante observar uma “breve pausa de silêncio”<sup>6</sup>. Isso também ocorre durante a oração coleta, na qual “todos se conservam em silêncio com o sacerdote por alguns instantes, tomando consciência de que estão na presença de Deus e formulando interiormente os seus pedidos”<sup>7</sup>. Após as leituras e a homilia, um momento de silêncio é observado, durante o qual os fiéis têm a oportunidade de meditar brevemente sobre o que foi ouvido<sup>8</sup>.

A IGMR declara que se deve guardar, nos momentos próprios, o silêncio sagrado como parte da celebração<sup>9</sup>. Estes momentos dão à celebração um ritmo sereno, consentindo uma sintonia com o que é celebrado, para ouvir os ensinamentos de vida em comunhão,

---

<sup>5</sup> MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. *O local de celebração: arquitetura e liturgia*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

<sup>6</sup> IGREJA CATÓLICA. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. 8. ed. Brasília: Edições CNBB, 2023, n. 51. De agora em diante: IGMR.

<sup>7</sup> IGMR, 54.

<sup>8</sup> Cf. IGMR, 56 e 66.

<sup>9</sup> Cf. IGMR, 45.

exortações à conversão, estímulos à esperança, virtudes absorvidas no silêncio através da Palavra, pois todos, irmanados pelo batismo, fazem parte do Mistério Sagrado. Todavia, sem o devido silêncio, nos momentos oportunos, de acordo com o que se recomenda nos documentos da Igreja, corre-se o risco de transformar a celebração em um falatório sem espaço para o Senhor, pois, em cada liturgia, Jesus tem algo a falar, é uma relação dialogal entre Deus e o seu povo. Mas como ouvir, se o ruído ensurdecedor dentro e fora do espaço celebrado, tanto dos fiéis quanto dos ministros, interferem no entendimento e no diálogo interior?

Ainda segundo a IGMR, é notável a evidência dada aos momentos de silêncio para que, ao ouvir a Palavra, possa-se orar e louvar a Deus em cada coração com o devido respeito, silenciar e colocar-se diante do Senhor, pois tais momentos (de silêncio) durante o ato penitencial, antes das leituras, após o Evangelho e a homilia e, principalmente, após o momento da comunhão, não devem ser tratados como “lacunas” entendidas como lapsos do ministro, mas como uma oportunidade de comunicação íntima, permitindo ao Pai o acesso às portas do coração.

## 2.1. O silêncio e o espaço litúrgico

Vivemos em uma sociedade onde cada vez mais o ruído é o grande protagonista e o silêncio passou a ser ignorado. O homem moderno introduziu o barulho, produzindo um caos, excluindo Deus de sua vida, que foi transformada por uma ambição egoísta que o cega e o afasta gradativamente da pureza do seu coração.

O barulho, que viola a alma e interfere diretamente no posicionamento do ser humano nas relações com a sociedade, impregnou com tanta veemência os corações, que chega a invadir lares, escolas e até igrejas, utilizando como instrumento a porta do olhar. Eles são atraídos e desviados e, sem Deus, o ser humano não pode mais enxergar as estrelas, metaforicamente falando, fica “cego” para o alto.

O espaço litúrgico, composto por diversas partes, deve ser elaborado seguindo um programa de necessidades que foi se desenvolvendo ao longo da história, cujo primeiro espaço, o átrio, com função de antessala, direciona o fiel ao abandono do homem velho e o introduz no Espaço Sagrado, revelado em Deus no silêncio, presença viva que nos aproxima numa reflexão de oração e acolhimento, pois como diz Santo Ambrósio:

“Quem, no entanto, reza em silêncio dá provas e reconhece que Deus perscruta o coração e os rins e que Ele escuta tua oração antes que ela se derrame de tua boca”<sup>10</sup>.

Hoje, vive-se uma crise de ruídos dentro das próprias igrejas, volumes exagerados de microfones, falta de bom senso por parte de ministérios de músicas, muitas vezes buscando transformar as liturgias em palcos para shows, homilias ruidosas que em nada convidam à meditação nem o respeito à casa do Senhor, são algumas situações encontradas que revelam uma desobediência ou uma má interpretação do que rege os documentos da Santa Igreja.

Este silêncio, primordial para estabelecer o diálogo com o Pai, está presente nas Escrituras: “este não se encontrava no vento, nem no terremoto, nem no fogo e sim no murmúrio de uma brisa”<sup>11</sup>. Esta fonte serve para alicerçar o clima de paz e serenidade que propicia a oração no espaço sagrado.

Preocupado com o caminho da Igreja, Dom Eugenio Sales alerta para este barulho crescente, mundano, que está cegando os olhos da alma e invadindo sorrateiramente o espaço sagrado<sup>12</sup>. Cristo buscava o silêncio, no deserto, sempre que ia rezar, não para se isolar, mas para encontrar-se com o Pai. A Igreja, templo do Espírito Santo, deve fugir dos exageros e propiciar o recolhimento, a paz e a oração, seguindo o exemplo do profeta Sofonias: “Silêncio diante do Senhor!”<sup>13</sup>.

Pelo batismo, o homem é conduzido à filiação com Deus, congregando como Igreja participante do grande Mistério. Desde a primeira comunidade cristã, ...“Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações”<sup>14</sup>. É a convocação para a liturgia sagrada, uma ligação estreita, inseparável entre Deus e o seu povo caminhante, que se manifesta através de Sua Palavra ao redor da grande mesa do banquete. “Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles”<sup>15</sup>.

Viver o fogo do amor numa dinâmica do Espírito Santo que arde entre o Pai e o Filho, algo concreto que transforma, reaviva, é o caminho para encontrar-se no seu eu mais íntimo com Aquele que faz seu coração encher-se de graças num êxtase espiritual. O

---

<sup>10</sup> SANTO AMBRÓSIO. *Os sacramentos*, VI, n. 4. In: SANTO AMBRÓSIO. *Os sacramentos e os mistérios: iniciação cristã na Igreja primitiva*. Petrópolis: Vozes, 2019.

<sup>11</sup> IRs 19,9-15.

<sup>12</sup> SALES, Dom Eugênio de Araújo. Ruídos. *Jornal do Brasil*. 23 out. 2009. Disponível em: <https://www.jb.com.br/capa/noticias/2009/10/23/ruídos.html>. Acesso em: 25 mar. 2020

<sup>13</sup> Sf 1,7.

<sup>14</sup> At 2,42.

<sup>15</sup> Mt 18,20.



silêncio, sem interferências externas das mais diversas, pode ser o condutor que faz participar dessa experiência na casa de Deus.

Assim como Jesus que expulsou do templo os vendilhões, deve-se também eliminar do espaço sagrado, tudo aquilo que aliena e confunde os sentimentos, como extravagâncias arquitetônicas, elementos sem sacralidade, movimentos ou ações que abstraem num grande desafio interior, fechar-se ao mundo para poder abrir-se ao mistério.

O Papa Bento XVI em uma citação da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, fala claramente sobre esta questão “A Palavra e o silêncio”:

A palavra pode ser pronunciada e ouvida apenas no silêncio, exterior e interior. O nosso tempo não favorece o recolhimento e, às vezes, fica-se com a impressão de ter medo de se separar, por um só momento, dos instrumentos de comunicação de massa. Por isso, hoje é necessário educar o Povo de Deus para o valor do silêncio. Redescobrir a centralidade da Palavra de Deus na vida da Igreja significa também redescobrir o sentido do recolhimento e da tranquilidade interior. A grande tradição patrística ensina-nos que os mistérios de Cristo estão ligados ao silêncio e só nele é que a Palavra pode encontrar morada em nós, como aconteceu em Maria, mulher indivisivelmente da Palavra e do silêncio. As nossas liturgias devem facilitar esta escuta autêntica. Que este valor brilhe particularmente na Liturgia da Palavra, que ‘deve ser celebrada de modo a favorecer a meditação’. O silêncio, quando previsto, deve ser considerado ‘como parte da celebração’. Por isso, exorto os Pastores a estimularem os momentos de recolhimento, nos quais, com a ajuda do Espírito Santo, a Palavra de Deus é acolhida no coração<sup>16</sup>.

## 2.2. O silêncio contra o barulho do mundo

A dificuldade humana em reconhecer no silêncio o instrumento fundamental de aproximação com Deus influencia o modo como as pessoas conduzem sua vida e se apropriam inconscientemente de uma verdade puramente estéril da felicidade plena.

Diante desta realidade, o cardeal Sarah em seu livro, *A força do Silêncio-contraditadura do ruído* revela, a partir da sua profunda permanência silenciosa junto ao Senhor, a importância do silêncio para a compreensão da Palavra em toda sua plenitude e ensina a permanecer no silêncio com Jesus, para participar do verdadeiro encontro.

Cristo, que é o próprio silêncio, no momento crucial de sua vida, quando o sumo sacerdote pergunta: “Tu não respondes nada?”, permanece em silêncio. Assim, apesar de que se pensa, não é a ausência de palavras ou o silêncio físico que expressa a alma humana, mas é a vivência intensa da verdadeira Palavra, o silêncio interior, aquele em que se conecta pela oração e se eleva a alma para Deus. Essa ligação, no silêncio, permite o mergulho incomparável nos braços do Pai, e Jesus mesmo o indica aos homens, “Tu,

---

<sup>16</sup> BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini: sobre a palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2010, n. 66.

porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechando tua porta, ora a teu Pai que está lá, no segredo; e teu Pai, que vê no segredo, te recompensará”<sup>17</sup>.

O que se vive hoje vai totalmente na contramão ao que de fato é essencial, o verdadeiro silêncio. Uma vida atropelada de atividades ruidosas, onde o barulho do mundo repele a mensagem do evangelho e é movida por uma busca incansável de algo que nunca se alcança (e nem se sabe o que é), gera uma humanidade insensível, numa embalagem vazia, estabelecendo uma relação de “surdez interior” incômoda, pois não consegue encontrar a essência da verdadeira felicidade, o próprio Deus, que está ali, sem complicação. “[...] porque meu povo cometeu uma dupla perversidade: abandonou-me, a mim, fonte de água viva, para cavar cisternas, cisternas fendidas que não retêm a água”<sup>18</sup>.

### 2.3. O homem contemporâneo e sua relação com o silêncio

A civilização marcada pelo desenvolvimento desenfreado com grande oferta de consumo, tem induzido o homem a uma modernização progressiva onde a fala, o som e o ruído são instrumentos considerados os protagonistas desse grande cenário. O silêncio, hoje mero coadjuvante, encontra-se cada vez mais escasso, pois o homem contemporâneo que aceita ouvir qualquer coisa menos o silêncio, tornou-se antagônico ao pulsar da vida, sente-se parte do mundo globalizado, tecnológico, totalmente conectado e perde assim, a experiência da plenitude física, mental e espiritual que o faria participar com maior profundidade do amor de Deus.

Os cristãos, envolvidos no barulho do mundo, não permitem uma condição de serenidade ou vida interior, mas incentivam uma superficialidade que transforma o homem numa espécie de robô, cujo medo de encontrar a si mesmo provoca uma fuga da interiorização, que poderia levá-lo a uma reflexão sobre a própria vida. Mas, ele não sabe lidar com isso, causa medo, gera insegurança, é o homem solitário, cercado por máquinas e instrumentos tecnológicos sem alma, transformando-se em uma pessoa que não sabe partilhar a glória do Cristo Ressuscitado.

A capacidade de ouvir, atualmente, é algo quase inatingível, pois para ouvir é necessário saber calar. Em seu livro *Mutações*, Adauto Novaes faz uma crítica:

Fala-se tanto que nem tempo se tem para pensar. Damos com muita facilidade e até certo desprezo um “adeus” às palavras de maneira tão tirânica e tão natural que nem conseguimos colher imagens que elas nos propõem. Sem o tempo do pensamento, a simplicidade das palavras e a riqueza dos

---

<sup>17</sup> Mt 6,6.

<sup>18</sup> Jr 2, 2.13.

sentidos desaparecem no fluxo tagarela. Sem a experiência do silêncio não se entende o que se diz. Ora, conhecer uma coisa é experiência; conhecer o sentido da fala é experiência. Muitas vezes, usamos signos e palavras sem pensar no seu verdadeiro sentido. Os dados impressionam: pesquisadores afirmam que, só nos Estados Unidos, houve um aumento de quase sete trilhões de palavras faladas, a partir da invenção de novas tecnologias. As perguntas são inevitáveis: o quanto se fala? Estamos entrando na civilização de falastrões em facebooks, twitters (escritos na cadência da fala), celulares, conversas on-line? A linguagem técnica domina a fala e põe em lados opostos os números, a percepção e a experiência do mundo?<sup>19</sup>

A ansiedade e o corre-corre tão comum, atualmente, leva um imenso número de pessoas a mergulhar nas ocupações cotidianas, com os olhos fechados para o sobrenatural e esquecem que, ao acordar, deve-se elevar o coração a Deus para louvar e agradecer as bênçãos recebidas. É uma geração “tagarela”, produtora de ruídos que ao falar demais, e escutar de menos, acaba não processando o que vivenciou. Para alcançar o silêncio interior, faz-se necessário permanecer no silêncio exterior, sem inquietação, pois as melhores coisas da vida acontecem no silêncio.

Hoje, em virtude de uma vida moderna impulsionada pelo movimento, por músicas ensurdecedoras que embriagam os corações de confusão e desespero, em fim pelo barulho ocorre um verdadeiro “caos” humano, ao contrário do que Salomão, no primeiro livro de Reis, sabiamente pede: “Dai-me Senhor, um coração que escuta”<sup>20</sup>.

Mas como falar de silêncio no meio de uma explosão tão grande de produção de ruído nos quais o mundo está mergulhado? Uma sociedade que desde o final do século XIX vive num processo intenso de desenvolvimento, com o avanço avassalador de novas tecnologias, numa época de comunicações virtuais sem fronteiras, que tiram o homem de sua essência interior e o ludibriam com ilusões, publicidades e opiniões, afasta-se do silêncio, de uma tal forma, como se a ausência de todos os sons trouxesse algo negativo.

Confuso, o homem que se encontra inquietante neste turbilhão de informações, não consegue respostas às questões que agitam sua mente e, mesmo diante de uma falsa felicidade que o satisfaz por um momento, não consegue encontrar o sentido da vida e se sente só!

É preciso considerar que todos os aspectos do mundo contemporâneo recheado de novas experiências, atrai a humanidade independente de idade, raça ou religião e que a Igreja deve estar atenta a essas novas tecnologias, para não cair na armadilha do modismo e esquecer a verdadeira essência do espaço litúrgico, preservando, de modo permanente, um clima de tranquilidade e acolhimento. A Casa de Deus, deve oferecer ao agitado

---

<sup>19</sup> NOVAES, Adauto. *Mutações: dissonância do progresso*. São Paulo: Ed. SESC SP, 2014, p. 12.

<sup>20</sup> 1Re 3,5-15.

coração dos que a procuram, a oportunidade de encontrar-se com Ele no silêncio sagrado, pois é no silêncio que se pode usufruir intensamente o convite à contemplação e vida em Deus, sem falsidades, acolher-se em Seus braços e ouvir o som da Sua voz!

### **Considerações finais**

Incapaz de reprimir o barulho, o homem moderno se adequou aos ruídos externos e embutiu-se numa cadeia ruidosa onde tudo gira em torno de sons, desencadeando uma cultura de estresse e solidão. Esse comportamento humano, fruto dessa inquietude desenfreada, gerou uma sociedade infeliz e insaciável, que vive em busca de respostas para o imenso vazio que a acompanha e a afasta da verdadeira felicidade, o encontro com Deus.

O espaço litúrgico, grande condutor do homem ao transcendente, atingido pela geração contemporânea de caráter digital, atravessa uma experiência conflitante, podendo assim contribuir para uma sociedade sem espiritualidade, caso não se alerte dos cuidados necessários, a fim de evitar um ambiente caótico, inexpressivo e sem espiritualidade concreta, afastando-se de sua essência, fundamentada no grande mistério sagrado.

Hoje, diante de fatos que manifestam a necessidade do silêncio sagrado, faz-se necessário o envolvimento múltiplo da comunidade, do clero e dos artistas, em busca do resgate e entendimento da necessidade de símbolos e sinais que auxiliem no Mistério, revivendo os ensinamentos do próprio Pai que nos ensina a magnitude do lugar ao dizer: tire as sandálias dos pés, pois o lugar onde pisas é sagrado<sup>21</sup>. Jesus costumava passar noites em silêncio, buscava em suas orações dialogar com o Pai, a sós, um diálogo íntimo e revelador, mostrando a necessidade de se permanecer no silêncio para estabelecer esta relação de comunhão. Insiste-se que a arquitetura sacra deve e pode propiciar o Grande Encontro, estabelecendo uma relação de intimidade e paz com Aquele a quem se deve honrar e glorificar para todo o sempre.

---

<sup>21</sup> Cf. Ex 3,5.

## Referências

ARIAS, Fernando López. *Projetar o espaço sagrado: o que é e como se constrói uma igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

BENTO VXI. *Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini: sobre a palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2010.

BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 2002.

BOROBIO, Dionisio. *A dimensão estética da liturgia: arte sagrada e espaços para celebração*. São Paulo: Paulus, 2010.

FRADE, Gabriel. *Arquitetura sagrada no Brasil: sua evolução até as vésperas do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2007.

IGREJA CATÓLICA. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. 8. ed. Brasília: Edições CNBB, 2023.

IGREJA CATÓLICA. *Lumen Gentium: sobre a Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2011.

IGREJA CATÓLICA. *Sacrosanctum Concilium: sobre a sagrada liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2002.

MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. *O local de celebração: arquitetura e liturgia*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

MOLINERO, Marcelo Antônio Audelino. *O espaço celebrativo como ícone da eclesiologia para uma teologia do espaço litúrgico*. São Paulo: Paulus, 2019.

MORAES, Francisco Figueiredo de. *O espaço do culto à imagem da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009.

NOVAES, Adauto. *Mutações: dissonância do progresso*. São Paulo: Ed. SESC SP, 2014.

PARO, Thiago Aparecido Faccini. O espaço litúrgico como experiência mistagógica. *Teocomunicação*. Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 381-395, set./dez. 2014.

RUPNIK, Ivan Marko. *A arte como expressão da vida litúrgica*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

SANTO AMBRÓSIO. *Os sacramentos e os mistérios: iniciação cristã na Igreja primitiva*. Petrópolis: Vozes, 2019.

SARAH, Robert; DIAT, Nicolas. *A força do silêncio: contra a ditadura do ruído*. 2 ed. São Paulo: Edições Fons Sapientiae, 2019.

SALES, Dom Eugênio de Araújo. Ruídos. *Jornal do Brasil*. 23 out. 2009. Disponível em: <https://www.jb.com.br/capa/noticias/2009/10/23/ruídos.html>. Acesso em: 25 mar. 2020.